

Geoturismo e o caso do Centro Histórico de João Pessoa (PB)

Geotourism and the case of the Historical Centre of João Pessoa (PB)

Geoturismo y el caso del Centro Histórico de João Pessoa (PB)

Luciano Schaefer Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba (IFPB), Brasil
lschaefer2@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.18472/cvt.22n3.2022.2024>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115474121003>

Recepción: 21 Julio 2022

Aprobación: 13 Octubre 2023

RESUMO:

Locais de interesse geopatrimonial têm, em regra, alto potencial para lazer, turismo e educação, propiciando a prática do geoturismo urbano. A promoção do entendimento da leitura da paisagem, da interpretação do modo como se deu o estabelecimento da cidade no seu substrato físico, a ocupação do espaço urbano e os desafios impostos pelo meio natural para a sua evolução, permitem entender melhor a cidade no seu todo. Por isso, o geoturismo urbano torna-se um complemento dos roteiros turísticos urbanos e culturais já consolidados, normalmente nos Centros Históricos das principais cidades, assim como dos roteiros de Turismo Balnear Litoral, nos casos em que isso se proporciona, através do acréscimo das novas informações relacionadas com a importância da geologia, geomorfologia, hidrologia e pedologia para o urbanismo, no seu sentido mais amplo. O objetivo deste artigo é discutir, através de amplo resgate bibliográfico, o conceito de Geoturismo, especificamente o urbano, utilizando como estudo de caso o Centro Histórico de João Pessoa, através da proposta de um roteiro que abarca elementos do patrimônio natural e cultural dispersos pela área.

PALAVRAS-CHAVE: Geoturismo, Centro Histórico, João Pessoa.

ABSTRACT:

Sites of geoheritage interest have, as a rule, high potential for leisure, tourism and education, providing the practice of urban geotourism. The promotion of understanding of the reading of the landscape, the interpretation of the way in which the city was established in its physical substrate, the occupation of urban space and the challenges imposed by the natural environment for its evolution, allow a better understanding of the city as a whole. Therefore, urban geotourism becomes a complement to the already consolidated urban and cultural tourist itineraries, usually in the Historic Centers of the main cities, as well as to the Coastal Bathing Tourism itineraries, in cases where this is provided, through the addition of new related information with the importance of geology, geomorphology, hydrology and pedology for urbanism, in its broadest sense. The objective of this article is to discuss, through a broad bibliographic review, the concept of Geotourism, specifically the urban one, using the Historic Center of João Pessoa as a case study, through the proposal of a route that includes elements of the natural and cultural heritage dispersed throughout the city.

KEYWORDS: Geotourism, Historical Centre, João Pessoa.

RESUMEN:

Los sitios de interés geopatrimonial tienen, por regla general, un alto potencial para el ocio, el turismo y la educación, facilitando la práctica del geoturismo urbano. La promoción de la comprensión del paisaje, la interpretación de la forma en que la ciudad se constituyó en su sustrato físico, la ocupación del espacio urbano y los desafíos que impone el entorno natural para su evolución, permiten una mejor comprensión de la ciudad como un entero. Por tanto, el geoturismo urbano se convierte en un complemento a los itinerarios turísticos urbanos y culturales ya consolidados, normalmente en los Centros Históricos de las principales ciudades, así como a los itinerarios de Turismo de Baños Costeros, en los casos en los que este se prevea, mediante la incorporación de nuevos itinerarios relacionados, información con la importancia de la geología, la geomorfología, la hidrología y la pedología para el urbanismo, en su sentido más amplio. El objetivo de este artículo es discutir, a través de una amplia revisión bibliográfica, el concepto de Geoturismo, específicamente el urbano, utilizando el Centro Histórico de João Pessoa como estudio de caso, a través de la propuesta de una ruta que incluye elementos del medio natural y patrimonio cultural disperso por toda la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Geoturismo, Centro Histórico, João Pessoa.

1. INTRODUÇÃO

No geopatrimônio de uma área, na forma de afloramentos rochosos, com seus minerais, fósseis, estruturas e texturas, nos solos, nos corpos d'água, assim como nas grandes formas de relevo ou no patrimônio cultural de um determinado Centro Histórico, estão inseridas informações que ajudam a contar a história desse local, da sua geodiversidade e de como os georecursos foram utilizados, em um determinado tempo histórico, do ponto de vista cultural. Assim, aliam-se as Geociências, a cultura e a história do local em que estão inseridas essas informações.

A depredação da natureza, devida ao aumento do consumo e de práticas econômicas e sociais inadequadas, obriga alguns setores da economia a se adaptarem a atividades conservacionistas, tanto voltados para o meio biótico quanto para o abiótico. O geoturismo também se encaixa nesse contexto.

As cidades costeiras, por natureza, são destinos turísticos de 'sol e mar'. Somado ao fato de possuírem paisagens belíssimas, que entrelaçam esses elementos naturais a uma histórica riquíssima, cujos primórdios estão vinculados diretamente a este geopatrimônio, torna-se necessário interligar natureza, história e cultura ao turismo, pois assim fundamenta-se o conhecimento ambiental, fortalecem-se os laços históricos entre natureza e sociedade e incrementa-se a economia local por meio de uma prática já enraizada, inserindo novos personagens que indiretamente faziam parte do sistema. Ademais, a sustentabilidade está enraizada nas práticas geoturísticas e a participação de uma comunidade local consciente dessa situação pode gerar um incremento de renda, cujo patrimônio abiótico servirá como novo atrativo turístico, podendo dinamizar áreas com economia estagnada.

1.1 Histórico e definição

Compete ao professor da Faculdade de Lazer e Turismo da Buckinghamshire College, Dr. Thomas Hose, em 1995, introduzir o conceito de geoturismo na literatura como sendo "o fornecimento de facilidades interpretativas e de serviços que possibilitem aos turistas adquirir conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das Ciências da Terra) além do nível de mera apreciação estética" (Hose, 1995, p. 17, tradução livre).

Dessa maneira, o autor pretendeu adicionar o meio abiótico, em especial os geossítios, às atividades turísticas, com o intuito, num primeiro momento, de divulgar as Geociências, na forma de estruturas geológicas e geomorfológicas que sejam importantes no entendimento da evolução e história da Terra e, num segundo momento, de desenvolver economicamente as regiões onde ocorrem.

Muitas vezes, o geoturismo tem sido enquadrado no ecoturismo, devido ao seu viés natural e ao seu caráter conservacionista (Brilha, 2005). Ao longo da história, várias definições foram propostas sobre o ecoturismo, que apesar das diferenciações, são unânimes em caracterizá-lo como um segmento do turismo de natureza [1], sendo uma atividade executada em áreas naturais, com o objetivo de admirar e desfrutar da paisagem, de maneira sustentável, por vezes incluindo o estudo dos elementos da fauna e da flora (Ceballos-Lascrain, 1987; Eagles, 2001, entre outros). A participação da comunidade local nesse processo é fundamental.

O Ministério do Turismo [2] no Brasil, considera algumas opções de atividades turísticas no país, a exemplo do turismo cultural, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de esportes, turismo de pesca, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural, turismo de saúde e o ecoturismo, sem fazer referência ao geoturismo, que se considera estar inserido no ecoturismo.

O geoturismo, por outro lado, possui algumas vantagens em relação ao ecoturismo, como não estar restrito à sazonalidade, podendo se desenvolver durante todo o ano; não estar dependente dos hábitos da fauna; por ser um turismo de nicho, não ocorre sobrelotação; serve como complemento para áreas tradicionalmente turísticas e promove o artesanato ligado aos elementos da geodiversidade (Brilha, 2005;

Newsome e Dowling, 2006). Acrescenta-se que, em ambiente urbano, o geoturismo acaba por entrelaçar o patrimônio cultural aos elementos da geodiversidade ou até mesmo ao geopatrimônio, na forma de rochas, do relevo, dos recursos hídricos e do solo, o que enriquece a experiência turística.

Datam de 1860 os primeiros indícios de motivações turísticas voltadas ao conhecimento do geopatrimônio, em especial da geologia e da geomorfologia (McFarlane, 2005). Segundo o autor, o professor William Turl oferecia seus conhecimentos geocientíficos aos turistas que tivessem interesse de se aprofundar no entendimento da petrologia em áreas montanhosas europeias.

A introdução da definição do 'geoturismo' acabou por nortear dois grandes posicionamentos acerca da temática na comunidade acadêmica: uma visão restrita, como a de Hose (1995), onde na maioria das vezes o prefixo geo era sinônimo de geológico ou, no máximo, geomorfológico, restringindo essa atividade a zonas naturais/rurais, como os geoparques e excluindo as zonas urbanas. Seguidores dessa tendência, cita-se Newsome e Dowling (2006), Ruchkys (2007), Moreira (2008), entre outros. E, a partir do conceito proposto pela National Geographic (2001 apud Stueve et al, 2002), foi lançada uma visão ampla, holística e mais abrangente da paisagem, focada não somente na paisagem natural mas também na cultura das áreas em que se desenvolve, ampliando os ativos do destino. Destacam-se as definições de Buckley (2003), Newsome e Dowling (2010), a Declaração de Arouca (2011), entre outras. Essa visão mais ampla da atividade será seguida nesta tese, cuja definição será proposta a seguir. Os dois posicionamentos distintos encontram-se sumarizados na Tabela 1, com as suas principais características.

TABELA 1
Resumo das principais definições de ‘Geoturismo’ de acordo com o posicionamento sobre os elementos envolvidos no conceito

Posicionamento	Conceito	Características	Autor(es)
	O fornecimento de facilidades interpretativas e de serviços que possibilitem aos turistas adquirir conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das Ciências da Terra) além do nível de mera apreciação estética	Primeira proposta científica	Hose (1995)
	A prestação de facilidades interpretativas e de serviços para promover a valoração e benefício social de sítios geológicos e geomorfológicos e seus materiais, e assegurar sua conservação para o uso de estudantes, turistas e outros recreacionistas	Adiciona a componente geoconservacionista ao conceito, o que já havia se tomado referência em seus trabalhos, utilizando o termo ‘geologia recreacional’ como sinônimo de geoturismo (HOSE, 2011)	Hose (2000)
	Baseia-se na visita a objetos geológicos (Geossítios) e no reconhecimento de processo geológicos integrados com experiências estéticas obtidos pelo contato com o Geossítios	A partir da Associação Internacional de Geoturismo, na Polónia, em 2004, é feita a ramificação do turismo cognitivo/turismo de aventura	Štomka e Kicinda – Sviderska (2004) <i>apud</i> Hose (2011)
	Reafirma o componente geológico e geomorfológico para o prefixo <i>geo-</i> de geoturismo, que se inserem no contexto turístico, formando três subsistemas (forma, processos e turismo)	Ocorre apenas em áreas naturais, como os geoparques, sendo os Geossítios os expoentes máximos que merecem visitação, possuindo escalas diversas. É um setor do ecoturismo, excluído os ambientes urbanos	Newsome e Dowling (2006)
Sentido restrito (geologia e geomorfologia)	O património geológico é o grande atrativo do geoturismo, cuja conservação de seus recursos e a sensibilização do turista leva à proteção desse. O público deve ter acesso à interpretação do património, levando à divulgação e ao desenvolvimento das Ciências da Terra, e servido como um forte componente no processo de geoconservação.	Não faz nenhuma referência à vertente urbana do geoturismo, nem considera o caráter cultural local	Ruchkys (2007)
	Segmentação turística sustentável, realizado por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo essa a sua principal motivação na viagem	Também descon sidera a vertente urbana, restringindo a atividade a parques naturais e geoparques	Moreira (2011)
	Fornecimento de instalações de interpretação e de serviços para geossítios e geomorfossítios e sua topografia atrárgente, juntamente com seus artefatos in situ e ex situ associados, com o intuito de conservação, através da apreciação, apreendido e a investigação pelas gerações atuais, para as gerações futuras	Adiciona ao contexto o que chama de 3Gs (geo-história, interpretação e geoconservação). A geohistória consiste na promoção dos sítios com potencialidade geoturística através de descobertas, eventos, personagens e situações de cunho geocientífico que são essenciais para a pesquisa em geoturismo. A geointerpretação consiste no desenvolvimento de ferramentas que sejam possíveis de transcodificar a paisagem para uma linguagem própria ao entendimento dos visitantes desses sítios com um propósito benéfico à geoconservação que, por sua vez, consiste na preservação do meio abiótico.	Hose (2012)
Posicionamento	Conceito	Características	Autor(es)
	Turismo que mantém ou aprimora o caráter geográfico de um lugar, seu ambiente, património, estética, cultura e o bem estar de seus moradores. Seu papel é de uma atividade cultural e ambientalmente responsável, minimizando os impactos ambientais nas áreas em que se desenvolve, onde a geologia e a geomorfologia são vistas como um suporte para os sistemas ecológicos e o desenvolvimento econômico.	Definição a partir de um estudo acerca do geoturismo – The Geotourism Study, datado de 2001, da National Geographic Society e a Travel Industry Association norte-americanas. O prefixo <i>geo</i> significa ‘geografia’, o que denota a importância do componente antropico na definição	Stueve et al (2002)
	Turismo sustentável, promotor do património geológico, especialmente o geomorfológico, no qual está inserido, integrado ao património cultural.	Após a criação da associação italiana ‘Geologia e Turismo’ (2003) As atividades são coordenadas por vários grupos de trabalho, incluindo atividades educacionais, mapeamento geoturístico, enologia, entre outras	Fanizza e Piacente (2009)
	Turismo de natureza derivativo do ecoturismo, portanto tem o intuito de promover a contabilidade ambiental, social e econômica, gerar benefícios econômicos e propiciar a conservação da natureza e de comunidades locais	Crítica à utilização do termo ‘geoturismo’ como sinônimo de turismo geológico, uma vez que não se podem perder de vista as particularidades culturais e históricas do local, associadas a características geológicas/paleontológicas mais pertinentes	Buckley (2003)
Sentido amplo (geologia, geomorfologia e cultura, essencialmente)	Forma de turismo centrada no usufruto do geopatrímónio, integrado ao património cultural, na promoção de áreas que preservem um património rico e diversificado	A partir da fundação da Associação Portuguesa de Geoturismo, em 2007, defende essa atividade, especialmente, em áreas rurais.	Rodrigues (2008, 2014)
	Forma de turismo em áreas naturais que especificamente foca na geologia e na paisagem. Ele promove o turismo em geossítios e a conservação da geodiversidade e um entendimento das Ciências da Terra através da apreciação e da aprendizagem. É aliado através de visitas independentes à feições geológicas, uso de geoníveis e pontos de visão, tours guiados, geatividades e patrocínio de centros de visitantes de geossítios	Possui um ponto de ligação com o ecoturismo, o turismo de aventura e o turismo cultural, não sendo sinónimo de nenhum desses. Ao unir o geoturismo ao turismo cultural, insere-se a vertente urbana ao geoturismo, no âmbito do uso que as sociedades fazem dos materiais rochosos, assim como das formas de relevo por elas ocupadas, o que poderá ser uma analogia às paisagens culturais, propostas pela UNESCO.	Newsome e Dowling (2010); Dowling (2011)
	Turismo que sustenta e incrementa a identidade de um território, considerando sua geologia, ambiente, cultura, valores estéticos, património e o bem-estar de seus residentes. O turismo geológico assume-se como uma das diversas componentes do geoturismo, sendo esse uma ferramenta fundamental para a conservação, divulgação e valorização do passado da Terra e da vida, incluindo a sua dinâmica e seus mecanismos.	Em 2011, na cidade portuguesa de Arouca, durante o I Congresso Internacional de Geoturismo, foi publicado a Declaração de Arouca, cujos princípios norteadores foram os estabelecidos pelo <i>Center for Sustainable Destinations-National Geographic Society</i> e com o apoio da UNESCO.	Declaração de Arouca (2011)
	Adição do geopatrímónio à atividade turística, focado em locais de interesse geoturístico, beneficiando as comunidades locais e dando uma nova experiência turística aos visitantes.	Se localiza na interface do turismo de natureza e do turismo cultural, podendo se desenvolver tanto em ambientes naturais/rurais quanto em ambientes urbanos. Divulga e promove a geodiversidade e seu geopatrímónio, num sentido mais restrito ou a sua relação com as civilizações e culturas, num sentido mais lato	Pereira (2019)

Autor

De acordo com as definições apresentadas, a maior parte da atividade geoturística ocorre nos geoparques, ou seja, com grande interação com o meio biótico. Entretanto, como visto até então, podemos destacar o potencial geoturístico de outros espaços, como as regiões costeiras e as zonas urbanas, que também podem servir de palco para a atuação do geoturismo. Seja em zonas urbanas, rurais ou outro espaço qualquer, o deslocamento das pessoas por meio de trilhas ou roteiros pré-definidos torna-se um meio importante de contato e apreciação com o meio físico circundante.

Hose (1998), considerando o grande afluxo turístico em áreas costeiras inglesas, adiciona uma subdivisão ao geoturismo, denominada geoturismo costeiro. O ambiente costeiro, segundo o autor, é uma zona conflitante, onde a dinâmica marinha se entrelaça ao fluxo turístico, fornecendo um espaço instável do ponto de vista ambiental, e os impactos se potencializam, requerendo um planejamento mais intenso visando sua proteção, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, refere-se a uma área de grande potencial geoturístico justamente por essa dinâmica natural que lhe confere valor científico. Desse modo, vários geoparques e projetos de geoparques tem na paisagem costeira seu principal lócus de atividade geoturística (Açores e Figueira da Foz - PT; Geomon - no País de Gales, entre outros).

O geoturismo urbano se manifesta como uma importante área dentro do geoturismo; assim como este último, apresenta um aspecto conceitual restrito (*strictu sensu*) e um amplo (*lato sensu*).

Em um sentido restrito, ao se conhecer e mapear o patrimônio cultural, onde se incluam igrejas, casarios, cemitérios, monumentos, estradas pavimentadas, entre outros, ao descrever sua arquitetura e história, identificar as litologias pertencentes, caracterizá-las petrograficamente e, se possível, identificar sua procedência, pode-se propor medidas que incentivem e garantam sua geoconservação e divulguem sua geodiversidade (Pereira et al., 2013; Pereira e Amaral, 2014). O patrimônio natural abiótico inserido na zona urbana, a exemplo de pedreiras, parques com fontes de água doce, cascatas, formas de relevo específicas, entre outros, também podem fazer parte de roteiros geoturísticos urbanos nesse sentido restrito.

Por sua vez, a promoção do entendimento da leitura da paisagem, da interpretação do modo como se deu o estabelecimento da cidade no substrato físico, a ocupação do espaço urbano e os desafios impostos pelo meio físico, para tal, permitem entender o geoturismo urbano em um sentido lato. Convém salientar que o geoturismo urbano torna-se um complemento a roteiros já consolidados, normalmente nos Centros Históricos das principais cidades turísticas, através do acréscimo dessas novas informações.

Afinal, as rochas possuem minerais, texturas e estruturas que possibilitam contar a história do planeta, além de serem fontes de informação sobre o passado tecnológico, social e econômico de povos que utilizavam esses georecursos na edificação dessas construções (Stern et al, 2006). As formas de relevo, os recursos hídricos e pedológicos são outros elementos da geodiversidade que são condicionadores do assentamento e expansão urbana e, como tal, também podem ser utilizados no contexto do geoturismo urbano.

Hose (2000) considera o cemitério de Rochdale, Condado de Lancashire, Inglaterra, como o local precursor do geoturismo urbano, em 1881, cujos visitantes tinham acesso a 30 pequenos pilares rochosos que contavam a história da criação da Terra pelo ótica da Geologia. Entretanto, nos meios científicos modernos, as discussões acerca do geoturismo urbano são bastante recentes, sobretudo a partir de meados dos anos 2000, e numa dimensão extremamente inferior quando comparada às zonas não urbanas.

Na Europa, roteiros urbanos que inserem os aspectos geológicos e geomorfológicos, principalmente, são muito comuns no meio científico, a exemplo de Londres (Robison, 1982), Zaragoza (Carillo e Gisbert, 1993), a divulgação de sítios paleontológicos ex situ em Lisboa (Silva, 2009), Segóvia (Díez-Herrero et al., 2011), Lisboa (Caetano et al., 2011), entre outros. A divulgação desses roteiros aos turistas inseriria a atividade do geoturismo urbano nessas cidades.

Neste artigo, o Geoturismo será definido como uma atividade que se localiza na interface do turismo de natureza, no caso do ecoturismo, e do turismo cultural, sempre tendo o conhecimento como motivação principal, e pode se desenvolver tanto em ambientes onde prevaleçam os aspectos naturais quanto em

ambientes urbanos, divulgando e promovendo a geodiversidade e seu geopatrimônio, num sentido mais restrito, ou a sua relação com as civilizações e culturas, num sentido mais lato, de maneira sustentável. Consiste na adição do geopatrimônio à atividade turística, focado em locais de interesse geoturístico, beneficiando as comunidades locais e dando uma nova experiência turística aos visitantes.

Assim, o geoturismo, seja ele urbano ou rural/natural, envolve três grandes elementos que se entrecruzam: o geopatrimônio, o território e o turismo, sendo que o geopatrimônio, objeto em questão, está inserido em um determinado território, em que a promoção e o desenvolvimento da atividade turística é resultado da ação conjunta dos gestores (poder público), agências turísticas, turistas, acadêmicos e comunidade local, cada qual tendo um papel fundamental nessa atividade (figura 1).



FIGURA 1
Modelo conceitual do geoturismo e sua relação com o Geopatrimônio e o território, mostrando seus objetivos e os personagens envolvidos na atividade.
Autor

O processo de turistificação consiste na implantação ou desenvolvimento da atividade turística em espaços turísticos ou com potencialidade para o turismo (Cruz, 2000). Dessa maneira, o geoturismo tem a capacidade de turistificar o geopatrimônio, por meio da territorialização dessa atividade em locais específicos, desde que esse geopatrimônio mostre inegável valor para uso turístico. O problema é que, muitas vezes, a geodiversidade e seu geopatrimônio não são devidamente valorizados, mesmo quando carregados de um potencial que os torna únicos.

Assim, é papel do meio acadêmico desenvolver métodos que permitam avaliar e selecionar os sítios mais interessantes para a prática do geoturismo, assim como desenvolver ferramentas que permitam o conhecimento da geologia, geomorfologia, hidrologia e pedologia do local, para difundir aos visitantes, os turistas. O geoturismo combina lazer e educação científico-cultural, capacitando a valorização e geração de novas atrações voltadas ao geopatrimônio (Cunha, 2013).

O poder público tem um papel essencial como dinamizador de estratégias de planejamento, gestão, monitoramento e divulgação do geopatrimônio e do geoturismo, em parceria com entidades privadas, universidades, comunidade local, centros de pesquisa, cooperativas da área, entre outros órgãos, cujo (re)ordenamento do território, com ações e reações perante a apropriação, é uma consequência natural.

Dessa maneira, pensando em áreas naturais e costeiras, o geoturismo funciona como um mecanismo de desenvolvimento de uma atividade sustentável, contribuindo para a geoconservação e para a divulgação de

seu geopatrimônio, melhorando a qualidade de vida da população, gerando fundos, através da atribuição de novos valores e significados à área onde se desenvolve; pensando-se em áreas urbanas, especialmente nos centros históricos, entrelaça-se o geopatrimônio ao patrimônio cultural, incentivando o sentido de identidade cultural, ao aumentar a consciência da população local e dos visitantes a esses patrimônios, que veem as edificações do Centro Histórico e a paisagem que a circunda com um novo olhar.

A primeira conferência internacional para discutir estratégias acerca do geoturismo ocorreu em 1998, no Reino Unido, em Belfast (Hose, 1998). Posteriormente, refletindo o crescimento do geoturismo no mundo, ocorreram muitos outros encontros científicos, como as conferências globais, sendo a primeira em 2008, em Perth, Austrália, seguindo-se em 2010, na Malásia; 2011, em Oman; na Islândia, em 2014. Nesse quadro insere-se também a Conferência de Geoturismo e Patrimônio Mundial, em Pretória, na África do Sul (2009) e o Congresso Internacional de Geoturismo, em sua única edição em 2011, em Arouca, Portugal. O Chile, em 2011, 2014 e 2017, sediou o I, II e III Simpósio de Geoparques e Geoturismo, promovido por sua Sociedade Geológica, enquanto a Polônia, em 2017, sediou a 2ª Conferência Internacional de Geopatrimônio e Geoturismo (a primeira havia sido na Sérvia, em 2010).

As duas primeiras publicações voltada exclusivamente para o geoturismo foram os livros “Geotourism - the Geological attractions of Italy for tourists”, escrito por Matteo Garofano, em 2003, que apresenta locais de interesse geoturístico na Itália e como fazer bom usufruto desses (Garofano, 2003), e “Geotourism - sustainability impacts and management”, publicado pelo geólogo australiano David Newsome, em 2006, com edição de Ross Dowling (Newsome, 2006). Posteriormente, vários outros foram publicados, muitos de cunho regional. Em 2004, foi impressa a primeira revista dedicada exclusivamente ao Geoturismo, o ‘Geoturystyka’, na Polônia, seguida da romena ‘Geojournal of Tourism and Geosites’, datada de 2008 na versão inglesa.

2. ROTEIRO GEOTURÍSTICO NO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA (PB)

Este trabalho visa pôr em prática, como produto final, um roteiro geoturístico no Centro Histórico de João Pessoa (Paraíba, Brasil), divulgador do meio abiótico e que funcione como um gatilho para o desenvolvimento de uma consciência geoconservacionista, por um lado, e como um dinamizador da economia local, por outro. Após um exaustivo trabalho bibliográfico e de campo realizado no contexto de uma tese de doutoramento (Pereira, 2019), pretende-se, agora, apresentar os resultados de uma série de etapas: i) inventariação regional e concomitante a uma avaliação qualitativa dos locais selecionados, pertencentes ao meio abiótico e ao patrimônio cultural; ii) avaliação do meio abiótico do ponto de vista semiquantitativo, a partir de uma proposta de metodologia que dará suporte à definição dos Locais de Interesse (elementos geopatrimoniais), sensu Pereira et al (2013); iii) definição dos Locais de Interesse que, pelo seu valor, serão selecionados para compor o Roteiro Geoturístico.

Uma das etapas para a inserção do geoturismo no contexto turístico do Centro Histórico consiste na divulgação da geodiversidade, do Geopatrimônio e do modo como ele se articula com o próprio Patrimônio Histórico da cidade, onde a geointerpretação tem papel fundamental, uma vez que um dos objetivos do geoturismo é a divulgação das Geociências para os visitantes, que passam a conhecer a paisagem circundante através de uma nova ótica, assim como mitigar possíveis ameaças ao meio abiótico visitado, no caso das áreas naturais. Neste caso, a educação ambiental, para resultados mais efetivos, tornase crucial, tanto para as comunidades receptoras, quanto para os turistas. Afinal, um turista sensibilizado em relação à importância dos atrativos visitados é um turista consciente de que a sustentabilidade traz consequências benéficas ao ambiente, tornando a educação como a base da atividade geoturística.

As zonas urbanas, conforme referido anteriormente, podem servir de palco para a atuação do geoturismo, onde o deslocamento das pessoas por meio de trilhas ou roteiros pré-definidos torna-se um meio importante de contato e apreciação do meio físico, do Patrimônio Histórico – Cultural e das suas relações.

A existência de trilhas interpretativas (Moreira, 2011) atribui nova função aos roteiros, do ponto de vista geoturístico, ao enriquecer a experiência dos turistas, que passam a conhecer o patrimônio natural, em especial o abiótico, e o patrimônio cultural sob outro prisma, além de favorecer a conscientização ambiental. Esses roteiros podem ser personalizados (trilhas guiadas) ou não personalizados (autoguiadas, com ajuda de folders e mapas, entre outros meios).

Atualmente, as trilhas tradicionais no Centro Histórico de João Pessoa são promovidas por diversas agências de turismo e acompanhadas por guias credenciados que conhecem, essencialmente, os aspectos históricos do patrimônio cultural local. O Departamento de Arquitetura da UFPB – Universidade Federal da Paraíba, através do projeto ‘Memória João Pessoa’ (site www.memoriajoaopessoa.com.br), disponibiliza um passeio digital por inúmeros monumentos do Centro Histórico mostrando sua arquitetura, história e evolução urbana, sem enfatizar os georecursos utilizados nas edificações e o papel do substrato físico, especialmente o relevo, os recursos hídricos e o solo na escolha do sítio onde a cidade nasceu e se expandiu.

O roteiro geoturístico urbano aqui proposto (Figura 2) inclui monumentos que refletem a geodiversidade local por meio dos georecursos empregados em sua edificação ou que apresentam a maior variedade litológica possível, quando esses georecursos são provenientes de outras áreas. Uma mais-valia para esse roteiro foi, também, inserir as formas de relevo e os recursos hídricos como fatores-chave para o estabelecimento e expansão urbanos, em uma perspectiva da utilização da Paisagem Cultural, que faz deles representantes do geopatrimônio urbano.



FIGURA 2

Mapa de localização do roteiro no Centro Histórico de João Pessoa e os respectivos locais de interesse geoturístico

Destaques: (19) Academia Paraibana de Letras; (20) Centro Cultural São Francisco; (21) Fonte de Santo Antônio; (22) Praça d. Ulricó; (23) Mosteiro de São Bento; (25) Falha de Sanhauá.

Autor

O mapa geoturístico mistura elementos de informação geocientífica quanto à geodiversidade e ao geopatrimônio per se, com elementos culturais e turísticos, de modo a que o público tenha facilidade de interpretá-lo. Desse modo, para o Centro Histórico, com a presença de infraestruturas turísticas mais completas, foram priorizadas as informações turísticas básicas, especialmente a malha viária.

A extensão total do percurso proposto é de 1670 metros, a ser percorrido por um veículo, considerando a topografia do terreno, sendo dispendidas cerca de 5 horas no trajeto total. A distância entre os pontos é 130 m (1 – 2), 210 m, ida e volta (2 – 3), 360 m (3 – 4), 100 m (4 – 5) e 650 m (5 – 6).

A Academia Paraibana de Letras (19), fundada em 1941, tem o calcário nas cercaduras principais, apresentando um estilo arquitetônico civil urbano do Brasil colônia. Em 1990 foi criado o Jardim dos Academos, em seu pátio, com 12 placas de membros famosos, tendo como base o tonalito.

O calcário é o principal elemento utilizado na construção do Conjunto Franciscano (20), com magníficas obras de cantaria em seu frontão e interior e uma cruz do cruzeiro em frente. O piso do adro possui fósseis de conchas.

Localizado no interior do Conjunto Franciscano, nas vertentes voltadas para oeste, a uma altitude de cerca de 22 metros, a Fonte de Santo Antônio (21) se encontra em uma grande depressão. Assenta-se diretamente sobre o calcário da Formação Gramame, podendo ser classificada como uma ‘fonte de contato geológico’.

Outra igreja dos primórdios da cidade, o Mosteiro de São Bento (23) é uma obra prima da arquitetura barroca, com belíssimas obras de cantaria em calcário, a matéria prima essencial da igreja.

A praça D. Ulrico (22) se localiza em um ponto nevrálgico da cidade alta, entre as ladeiras da Borborema, a sul, e a Ladeira de São Francisco, a norte, os dois primeiros caminhos formados na nascente cidade para se atingir a cidade baixa. Na praça destaca-se, no centro, um monumento a Nossa Senhora de Lourdes, possuindo como base um augen-gnaiss, com cristais centimétricos elípticos de K-feldspato, orientados preferencialmente, contornados por fitas de quartzo, biotita e magnetita. No meio-fio da ladeira da Borborema, blocos retangulares de calcário denotam sua primitiva existência, provavelmente de meados do século XIX.

A configuração do terreno do Centro Histórico em alto e baixo é resultado de uma falha normal que cruza o setor ocidental dos tabuleiros litorâneos, com direção nordeste. Este falhamento encaixa os tributários rios Marés e Sanhauá, este último visível no Largo São Frei Pedro Gonçalves, o que justifica o afloramento de calcários da Formação Gramame na vertente destes tabuleiros, ao longo deste plano de falha, logo abaixo do muro de arrimo do Hotel Globo.

Assim, o roteiro se dá paralelo ao trajeto que unia a cidade alta à baixa, o mais antigo da cidade. Inclui uma panóplia de edificações, monumentos, fontes e obeliscos com grande valor cultural e estético (como os belíssimos trabalhos de cantaria em calcário das igrejas de Santo Antônio e São Bento), e científico (fósseis no piso do adro da Igreja de Santo Antônio, a fonte Santo Antônio, uma fonte de contato geológico, o augen-gnaiss e o ortognaiss da base dos bustos de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora das Neves, respectivamente, e a falha geológica do Sanhauá - 25). O Largo de São Frei Pedro Gonçalves, ponto final do roteiro, foi estabelecido em um terreno elevado associado ao referido plano de falha, e de onde se tem uma belíssima visão panorâmica da bacia do Rio Paraíba, especialmente ao pôr-do-sol.

3. CONCLUSÕES

O papel do geoturismo é aproximar o público à geodiversidade e ao geopatrimônio da área visitada, estejam eles *in situ* ou *ex situ*, através de estratégias de geointerpretação adequadas às características socioculturais desse mesmo público. Assim, a interação com o meio abiótico sensibilizará o turista/geoturista para percebê-lo sob uma nova ótica, propiciará a divulgação da geodiversidade e do geopatrimônio, servirá como ferramenta para a educação da população local e dos turistas, assim como divulgará as Geociências para além das salas de aula, visando a conservação e gestão desse geopatrimônio e do patrimônio cultural associado.

O principal geoproduto obtido a partir do mapeamento dos locais de interesse foi o Mapa Geoturístico do Centro Histórico, com seu roteiro contendo cinco locais de interesse. Seu caráter interdisciplinar e de material geoes educativo tem o papel de conscientizador e sensibilizador em direção à geoconservação e à popularização das Geociências.

A visão holística permitiu abrir um leque de novas discussões interdisciplinares ao possibilitar experiências culturais distintas das tradicionais, ao redescobrir as raízes culturais que permitem um sentido de lugar e uma reverência ao mundo natural, através do reconhecimento e celebração da criatividade referente ao patrimônio abiótico.

Se a paisagem natural e suas feições têm servido de inspiração para a literatura e as artes desde os primórdios, nos tempos atuais elas têm sido ferramentas de estudos científicos de geoconservação e geodivulgação, proporcionando alcançar um público maior que o do meio acadêmico. Assim, buscou-se também, através dessa análise de correlação do meio físico com o meio cultural, redescobrir um sentido de geoconsciência por meio do apelo estético que a paisagem instiga e de sua importância para a sociedade.

O segmento 'sol e mar' é o principal atrativo turístico da região de João Pessoa, aliado, de maneira secundária, a uma rica história e cultura, mas que negligencia o potencial geoturístico latente. O roteiro geoturístico serve, adicionalmente, para a promoção do geoturismo como uma mais-valia, inserindo no contexto turístico tradicional as informações acerca do meio abiótico até então esquecidas. Assim, promover-se-á a passagem de um turismo de massas para um turismo de nicho, mais sustentável sob o viés ambiental, social e cultural.

4. REFERÊNCIAS

- Brilha, José. (2005). **Património Geológico e Geoconservação, a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Braga, Palimage Editores, 2005.
- Buckley, Ralf. (2003). Environmental Input and Outputs in Ecotourism: Geotourism with a positive triple bottom line? *Journal of Ecotourism*, Research note, vol. 2, n. 1, p. 109-121, 2003.
- Caetano, Paulo; Almeida-serra, Mafalda; Moreira, Margarida. (2011). Entre a superfície e o subterrâneo: proposta de percursos geoturísticos urbanos em Lisboa. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TOURISM AND MANAGEMENT STUDIES, 2011, Algarve. **Anais [...]**. Portugal: Algarve, 2011, p. 426- 437.
- Carrillo, Louis, Gisbert, Joseph. (1993). **Pero hay rocas em la calle?** Guia de rocas ornamentales de Zaragoza. Ayuntamiento de Zaragoza, Zaragoza, 1993.
- Ceballos-Lascurain, Hector. (1987). **Estúdio de prefactibilidad socioeconômica del turismo ecológico y anteproyecto arquitectónico y urbanístico del centro de turismo ecológico de la reserva dela Biosfera de Sian Kàan**, Q. R., México. SEDEE: México, 1987.
- Cruz, Rita de Cássia. (2000). **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.
- Cunha, Lúcio. (2013). Avaliação do potencial turístico. *Journal of Tourism Studies*, p. 21- 40, 2013.
- Declaração de arouca 2011. Disponível em http://www.azoresgeopark.com/media/docs/declaracao_de_arouca_geo_turismo.pdf. Acesso em 03 mar. 2022.
- Díez- herrero, Andres; Vegas-salamanca, Jose; Peña-gonzales, Belen; Herrero-ayuso, Ana.; Lucía-Atance, Raquel; Borreguero, C. (2011). Geoturismo em la ciudad de Segovia: complemento y alternativa al turismo tradicional. Separata de: fernandez-martinez, E.; castaño de luis, R. (eds). **Avances y retos em la conservación del Património Geológico en España**. Universidad de León: Madri, 2011. p. 104- 108.
- Dowling, Ross. (2011). Geotourism's global growth. *Geoheritage*, n. 3, p. 1-13. Online em 16 novembro 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/225513892_Geotourism's_Global_Growth. Acesso em 12 fev. 2022.
- Eagles, Paul. (2001). **International Trends in Park Tourism**. 4. ed. EUROPARC: Matrei, 2001.
- Garofano, Matteo. (2003). **Geotourism- the geological attractions of Italy for tourists**. 1. ed. Geoturismo Edizione: Milan, 2003.
- Hose, Thomas. (1995). Selling the story of Britain's stone. *Environmental Intrapretation*, v. 10, n. 2, p. 16-17, 1995.
- Hose, Thomas (1998). Selling coastal geology to visitors. Separato de: Hooke, J. (Ed.). **Coastal Defence and Earth Science Conservation**. Geological Society: London, 1998. p. 178- 196.
- Hose, Thomas. (2000). European 'geotourism'- Geological interpretation and conservation promotion for tourists. Separata de: Barretino, D., Winbledon, W. A. & Gallego, E. (eds). **Geological heritage: its conservation and management**. Madrid: ITGE, 1990. p. 127- 146.
- Hose, Thomas. (2011). The English origins of geotourism (as a vehicle for geoconservation) and their relevance to current studies. *Geographica Slovenica*, n. 51-2, p. 343- 360, 2011.
- Hose, Thomas. (2012). 3G's for Modern Geotourism. *Geoheritage*, ., 7- 24, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO – EMBRATUR. (2015) Disponível em www.embratur.gov.br. Acesso em 16 ago 2015.
- McFARLANE, Robert. (2005). **Montanhas da Mente: História de um fascínio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

- Moreira, Jasmine. (2008). **Patrimônio Geológico em Unidades de Conservação: unidades interpretativas, educativas e geoturísticas**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- Moreira, Jasmine. (2011). **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2011.
- Newsome, David. (2006). *Geotourism- sustainability impacts and management*. In: Downling R. (ed.). London: Elsevier, 2006.
- Newsome, David; Dowling, Ross. (2006). The scope and nature of geotourism. Separata de: Dowling, R. (ed.). **Geotourism sustainability impacts and management**. London: Elsevier, 2006. p. 325.
- Newsome, David; Dowling, Ross. (2010). **Geotourism: the tourism of geology and landscape**. Goodfellow Publishers: Oxford, 2010.
- Panizza, Mario; piacente, Silvia. (2008). Geomorphosites and geotourism. **Rev. Geogr. Acadêmica**, v. ., n.1, p. 5-9, 2008.
- Pereira, Luciano; Oliveira, Bruno; Vieira, Kleber. (2013). The look on the urban geoh heritage of João Pessoa City: a guide to resignify rocks- document. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON GEOGRAPHY AND GEOSCIENCES, 2013, Paris. **Anais [...]**. Paris: WASET, 2013, p. 299.
- Pereira, Luciano; Amaral, Josali do. (2014). Geoturismo urbano: análise da tipologia geológica e cultural da capitania da Parahyba. **Cadernos de Estudo e Pesquisa em Turismo**, v.3, n. 3, p. 239- 264, 2014.
- Pereira, Luciano. (2019). Mapeamento do geopatrimônio e do Patrimônio Cultural da Região de João Pessoa, Paraíba, para fins de geoturismo urbano e costeiro. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2019.
- Robinson, Eric. (1982). A geological walk around the City of London- Royal Exchange to Aldgate. In: PROCEEDINGS OF THE GEOLOGISTS ASSOCIATION, 1982, Londres. **Proceedings [...]**. Londres, 1982, p. 225- 246.
- Rodrigues, Maria Luísa. (2009). Geoturismo. Separata de: Simões, J. M.; Ferreira, C. C. (eds). **Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios**. Centro de Estudos Geograficos, Universidade de Lisboa, 2009. p. 57- 62.
- Rodrigues, Maria Luisa. (2014). Geoturismo: um recurso adicional para o desenvolvimento sustentável em áreas rurais. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE PATRIMÔNIO GEOMORFOLÓGICO E GECONSERVAÇÃO, 1, 2014, Coimbra. **Resumo [...]** Universidade de Coimbra: Coimbra, 2014, p. 51- 52.
- Ruchkys, Ursula. (2007). **Patrimônio Geológico e Geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: Potencial para a criação de um geoparque da UNESCO**. 2007. Tese (Doutorado em Geologia) – Faculdade em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- Silva, Carlos. (2009). “Fósseis ao virar a esquina”: um percurso pela paleontologia e pela geodiversidade urbana de Lisboa. **Paleolusitana**, n. 1, p. 459- 463, 2009.
- Stern, André; Riccomini, Cláudio; Fambrini, Gelson; Chamani, Marlei. (2006). Roteiro geológico pelos edifícios e monumentos históricos do centro da cidade de São Paulo. **Rev. Bras. de Geoc.**, v. 36, n. 4, p. 704- 711, 2006.
- Stueve, Andra; Cook, Suzanne; Drew, David. (2002). **The Geotourism Study: phase 1 executive summary**. Travel Industry Association of America: Washington, 2002.

NOTAS

- [1] Segundo Eagles (2001), o ‘turismo de natureza’ refere-se a um turismo executado ao ar livre e alternativo, podendo ser subdividido em ecoturismo, turismo de aventura, vida selvagem e campismo.
- [2] INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO-EMBRATUR. Disponível em www.embratur.gov.br. Acesso em 16 ago 2015.